

LINGUAGENS EM TRANSFORMAÇÃO: HIBRIDIZAÇÕES NO JORNAL NACIONAL

LANGUAGES IN TRANSFORMATION: HYBRIDIZATIONS IN THE JORNAL NACIONAL

TALITA LIMA CHECHIN ARREBOLA¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar as transformações das linguagens do telejornal *Jornal Nacional da Globo*, dos últimos 50 anos. No transcorrer do tempo, o programa e seus profissionais foram transformando as marcas do rádio. Surgindo assim uma nova identidade na maneira de narrar e apresentar seus conteúdos e com isto o telejornal ressignificou o programa junto ao público. No entanto, as mudanças de comportamento dos profissionais levaram a uma pseudo tentativa de estarem mais íntimos do público; pois passaram a estar presentes nas redes sociais e em cada um destes espaços na tentativa de resinificar o Jornal Nacional.

PALAVRAS-CHAVE: transformação; linguagens; Jornal Nacional.

ABSTRACT: The objective of this work is to analyze the transformations of the languages of the *Jornal Nacional da Globo* television news program, in the last 50 years. Over time, the program and its professionals have been transforming radio's brands. Thus, a new identity emerged in the way of narrating and presenting its contents, and with that, the TV news re-signified the program to the public. However, changes in the behavior of professionals led to a pseudo attempt to be more intimate with the public; because they started to be present on social networks and in each of these spaces in an attempt to resinify *Jornal Nacional*.

KEYWORDS: transformation; languages; *Jornal Nacional*

SUMÁRIO: 1. Introdução; 2. Um Novo Visual para o Mesmo Padrão; 3. O *Jornal Nacional*: transformações estéticas da TV preto e branco para a digital²; 4. Considerações finais; 5. Referências

1. Introdução

O *Jornal Nacional*, da Globo, está entre os principais telejornais brasileiros, uma vez que, desde 01 de setembro de 1969, emite sinal a todo o país. É um dos programas de maior

¹ Doutoranda em Comunicação e Semiótica - PUC/SP. Mestre em Comunicação e Semiótica - PUC/SP. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Estadual de Londrina - UEL e em Educação Física pela Universidade Norte do Paraná. E-mail: Talita.arrebola@hotmail.com. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2721118078547652>. ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0002-3504-5474>, PUC/SP, Brasil.

² Texto com base no livro *Jornal Nacional: A notícia faz história*, 2004 e o site Memória Globo <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional>>

influência da televisão, em termos comerciais, e também de impacto e credibilidade. No entanto, com o passar dos anos, ocorreram alterações estéticas e comportamentais, além de se inserirem equipamentos, tecnologias e recursos que impactam os processos de produção, reportagem e apresentação dos programas.

Os telejornais e seus profissionais foram gradativamente se desconstruindo das origens do rádio e assumindo uma identidade própria na maneira de narrar e apresentar seus conteúdos. Dessa forma, os vários grupos empresariais nacionais e internacionais buscaram alternativas para aproximar-se do público que o acompanha.

No entanto, o *Jornal Nacional* mantém os mesmos padrões de apresentação dos últimos 50 anos. O início das transmissões do sinal de televisão brasileira esteve sob a influência do rádio, mas à medida que ia se desenvolvendo sua tecnologia de imagem, mais se aproximava do cinema. A partir desses processos híbridos de transformações, o *Jornal Nacional* modificou suas narrativas com características dos textos do rádio junto a imagens estáticas, apresentando-se as notícias, nos dias atuais em múltiplas telas.

As emergências tecnológicas ocorridas nos últimos 50s anos no *Jornal Nacional* abrem espaço às vozes que tentam criar diálogos, vínculos e identificação com o público. Dessa maneira, o telejornal se constrói à medida que o programa traduz os fenômenos em algo, a princípio imaterial e estético, alavancando este, por sua vez, o controle da narrativa verbal, a imagem, o som e as falas, organizados de forma específica, que movimentam e propiciam os significados vivenciados no vídeo.

Assim, os modos de produção organização e a veiculação do telejornal podem produzir contextos sociais capazes de gerar processos significantes para o telespectador e formas de identificação e reconhecimento com o que é apresentado na tela, além de influenciá-lo por aspectos das emergências tecnológicas. Por isso, o programa busca obter credibilidade pela maneira como os apresentadores se mostram, se comportam e fazem uso das linguagens.

2. Um novo visual para o mesmo padrão

A televisão, assim como o telejornalismo, é o meio em que se readaptam as necessidades culturais e sociais. A transição das transmissões do rádio para as múltiplas telas e

contato instantâneo com as notícias fez com que o *Jornal Nacional* usasse seu prestígio e financiasse a emergência tecnológica, mantendo, dessa forma, sua influência e prestígio.

Em 1º de setembro de 1969, o *Jornal Nacional* tem sua primeira edição, o que para Heidy Vargas (2015), o telejornal ocupa um lugar central na sociedade brasileira, como mediador dos fatos, para a construção social da realidade que vivemos. O programa é um lugar de referência, pois a informação é uma maneira de conhecimento que pode influenciar as atitudes da sociedade.

A história do *Jornal Nacional* e da Globo está interligada por acordos políticos e econômicos com o surgimento da Embratel, Empresa Brasileira de Telecomunicações. “A Embratel interliga o Brasil através de linhas básicas de micro-ondas, além de aderir ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações, a Intelsat. Estava criada, então, a estrutura para as redes nacionais de televisão” (PATERNOSTRO, 2006, p. 31).

Com essa parceria, a Globo e o *Jornal Nacional*, graças à infraestrutura que liga todo o país ganham novo impulso em seu desenvolvimento, e podem disseminar suas ideias; unindo o país, a partir do conceito de identidade nacional, característica da ditadura militar.

FIGURA 01: Imagens do *Jornal Nacional*



Jornal Nacional, 1º de setembro de 1969.

Fonte: Reprodução da Internet - memoriaglobo.globo.com



Willian Bonner e Renata Vasconcello (2015)

Para Silvia Borelli e Gabriel Priolli (2000), esse momento de mudanças tecnológicas foi responsável por um grande investimento financeiro na nova tecnologia, propiciando uma mudança estética nos padrões televisivos. Nos anos 70s por imposição, do governo, as emissoras passaram a transmitir sua programação colorida para aguçar o interesse da população.

O governo importou e adaptou um sistema alemão responsável por facilitar as modificações no setor.

O modelo empresarial foi amadurecendo e adequando-se às necessidades da Rede Globo e com isso, trouxe ao fazer televisivo da emissora um “padrão Globo de qualidade”³, dando ênfase a características dos produtos televisivos, além de estratégias políticas e econômicas. Segundo Itania Gomes (2012) assim, nos anos iniciais do *Jornal Nacional*, o padrão Globo de qualidade se traduziu salientando a questão técnica da produção em detrimento do conteúdo jornalístico, em razão dos limites impostos pela censura.

(...) a televisão brasileira terminava a década cada vez mais alicerçada em três vertentes dos programas de entretenimento de grande apelo popular: as novelas, os enlatados (filmes e séries em sua maioria procedente dos Estados Unidos) e os shows de auditório. No telejornalismo, dois fatos assinalam o começo de uma nova fase: a criação do *Jornal Nacional*, na Rede Globo de Televisão e o fim do legendário Repórter Esso, na já combatida TV Tupi, depois de anos e anos de existência, muitos dos quais como líder de audiência na televisão brasileira (REZENDE, 2000, p. 109).

Com isso, o telejornalismo da Globo foi reinventado graças às possibilidades técnicas da época, sendo impactado pelos processos de produção e transmissão, bem como exigindo maior comprometimento dos seus profissionais. Entre as muitas inovações introduzidas pela emissora e atribuídas, diretamente ou indiretamente à Walter Clark⁴, implantou-se a telenovela como âncora da programação; idealizou-se o *Jornal Nacional* encaixado entre duas novelas; consolidou-se uma TV voltada para um sistema em rede de alcance nacional; e subordinaram-se as estações de repetição e as emissoras afiliadas à central do Rio de Janeiro (BORELLI; PRIOLLI, 2000).

Com isso, o novo modelo empresarial da Globo passou a refletir-se na parte comercial e produtiva, de maneira que o material produzido deveria ser tratado como produto televisivo. Essa visão de televisão importada, implantada, adaptada e aperfeiçoada pela equipe da Globo,

³ “Padrão de qualidade define-se por uma injunção de alguns fatores que podem ser historicamente observados. Trata-se de uma articulação entre padrão de produção, tecnologia e uma proposta específica, capaz de criar uma personalidade na produção aceita, em um determinado momento, como a melhor entre produtores e receptores. A tv Globo é a implementadora de um modelo vencedor de padrão de qualidade que, desde os anos 70, vem norteando todas as demais televisões brasileiras” (BORELLI; PRIOLLI, 2000).

⁴ Walter Clark Bueno, diretor geral da Globo de 1965 a 1977

trouxe ao fazer televisivo maior agilidade e eficácia (BORELLI; PRIOLLI, 2000).

Diante disto o telejornal presta serviço à sociedade, apresentando temas que mantêm o espectador informado. É nesse contexto que a experiência dos telejornais na apresentação de notícias policiais e políticas e de catástrofes, entre outros assuntos, encontra espaço para sua programação, o que possibilita alavancar a audiência. Para Beatriz Becker (2012), a informação de fatos “relevantes” é uma importante missão jornalística e pressupõe respeito ao interesse público, compromisso com a divulgação do que serve para o bem comum.

Nesse perfil, segundo Florentina Souza (2007), o *Jornal Nacional* chegou a ter mais de 70% de acesso do público, mas na década de 90 as telenovelas e os telejornais sensacionalistas ameaçaram a sua audiência e, em decorrência disso, o jornal alterou sua linha editorial e horário de exibição, subordinados, desde sua inauguração, ao governo.

O *Jornal Nacional* não é um produto de experimentação da Rede Globo, pois a fidelidade da audiência a este telejornal é algo que se construiu com o tempo e deve ser conquistado e reconquistado a cada edição. O telejornal adota um leque de estratégias comunicacionais variáveis em maior ou menor grau ao longo do tempo, acompanhando e determinando o fluxo de mudanças no contexto onde está inserido, na busca de um ponto de equilíbrio entre inovação e conservadorismo, empenhando-se constantemente para manter sua posição hegemônica (GOMES, 2012).

Porém, em alguns momentos estratégicos, a equipe do *Jornal Nacional* reformulou detalhes do programa. Essa nova forma de atuação profissional, além de mais abrangente, exige que se estabeleça um novo enfoque sobre o processo de produção do *Jornal Nacional*, que desafia a construção de novos modelos para o telejornalismo, estimulando a inovação na organização em seus suportes e formatos.

Porém, em alguns momentos estratégicos, a equipe do *Jornal Nacional* reformulou detalhes do programa. Essa nova forma de atuação profissional, além de mais abrangente, exige que se estabeleça um novo enfoque sobre o processo de produção do *Jornal Nacional*, que desafia a construção de novos modelos para o telejornalismo, estimulando a inovação na organização em seus suportes e formatos

Nos últimos 50 anos, o *Jornal Nacional* apresentou transformações nas linguagens, na

busca da atual realidade e no direcionamento para situações limítrofes e fronteiriças. Esses pontos mutantes são proporcionados tanto por mudanças reais como por pseudo alterações produzindo-se desvios e ruídos no *Jornal Nacional* ao repaginarem-se as linguagens.

Ao incorporarem a ideia de transformações, as mudanças no programa agem na tentativa de manter e, ao mesmo tempo, reformular a imagem de autoridade, hegemonia, padrão que carrega desde sua primeira edição. Esses processos se inserem na ideia de extremidades, pois o programa está no campo limítrofe de ressignificação das áreas de ação, ideia a respeito da qual Mello (2016) escreve.

A ideia de extremidades é embasada enquanto ‘caminho de leitura’, em direção à articulação entre campos não oponentes, mas complementares. E utilizada como atitude de olhar para as bordas, observar as zonas limites, as pontas extremas, interconectadas em variadas práticas. (MELLO, 2016, p. 124).

Ao interpretar as notícias e os textos audiovisuais, o telejornal revela pontos de extremidade que tentam desconstruir sua linguagem engessada e formal, historicamente pré-estabelecida; contaminam os cenários pela movimentação e comportamento dos apresentadores; e compartilham a tentativa de estar presentes com seu conteúdo jornalístico nas múltiplas telas.

Consequentemente, as recentes mudanças produzidas pelas emergentes tecnologias de comunicação introduziram diferentes possibilidades de tratamento da imagem e alterações significativas no processo de produção e consumo de informações televisuais. No ato de “conversar” e usar gírias, os apresentadores acionam estratégias híbridas de comunicação na tentativa de estabelecer familiaridade com o público e obter sua fidelidade.

Dessa forma, a presente pesquisa considera as transformações da linguagem do *Jornal Nacional*, a partir da configuração do perfil de apresentação do conteúdo jornalístico; além de identificar as interferências produzidas pelos processos de hibridização na apresentação do telejornal.

3. **O *Jornal Nacional*: transformações estéticas da tv preto e branco para a digital**⁵

O telejornalismo brasileiro, assim como a televisão, vem passando por transformações⁶ desde sua primeira transmissão: no plano da oralidade transformou um programa de rádio em um de televisão; da transmissão em preto e branco para as cores; e, por fim, beneficia-se da emergência tecnológica como o uso de *videotape* e de *chroma-key*.

Nesse contexto histórico, buscamos analisar as relações dos processos híbridos da linguagem do *Jornal Nacional* de setembro de 1969 até 2015, período marcado por transformações. Inicialmente no processo de implantação até os dias de hoje, muitos profissionais passaram pela bancada do *Jornal Nacional*, da Rede Globo. Os primeiros profissionais foram Cid Moreira e Hilton Gomes, que entraram no ar às 19h45, dizendo “O *Jornal Nacional* da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo Brasil”, Hilton Gomes complementa a escalada⁷ e diz: “Dentro de instantes, para vocês, a grande escalada nacional de notícias”.

Sua apresentação era marcada pelo perfil radiofônico, na qual se narravam as notícias, de maneira rígida e engessada, sem opinião, o que, segundo Boris Casoy (1991), o papel era mais de ator do que de repórter. Esses profissionais marcaram a história dos telejornais, a maneira de se expressar, o estilo de roupa dos apresentadores, entre outras características seguindo a linha editorial do programa, o que faz com que os telespectadores se tornem íntimos, fortalecendo a credibilidade das notícias.

Acompanhando os processos de mudanças, o *Jornal Nacional* também sofre com os processos híbridos das linguagens a que deve se adequar e com as transformações na produção de conteúdo. A relação dos jornalistas com o público, com a inserção de profissionais específicos de uma determinada área, interfere na identidade e credibilidade do telejornal.

Em 1970, a bancada era composta por Cid Moreira, Hilton Gomes e João Saldanha,

⁵ Texto com base no livro *Jornal Nacional: A notícia faz história*, 2004 e o site Memória Globo < <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional> >

⁶ O novo formato de publicação de notícias é caracterizado como uma adequação ao público televisivo e, assim, o modo de interagir, participar, colaborar e compartilhar as informações com outros usuários na rede, é o responsável por informar o público a informação. (FERREIRA JÚNIOR; CAJAZEIRA, 2015)

⁷ Escalada: frases de impacto sobre os assuntos do telejornal que abrem o programa. Frases curtas com *teaser* (PATERNOSTRO, 2006)

este na função de comentarista esportivo, o qual foi técnico da seleção brasileira, sendo, posteriormente substituído por Mario Jorge Lobo Zagallo. Saldanha foi contratado para comentar o Mundial de Futebol no México, no qual a Seleção Brasileira alcançou o tricampeonato. Em seus comentários, quando ainda era técnico da seleção, mandou um recado ao presidente General Emílio Garrastazu Médici: “Eu não escalo o seu ministério e o senhor não se mete no meu time”, vindo, principalmente por isso a perder o cargo de técnico da seleção.

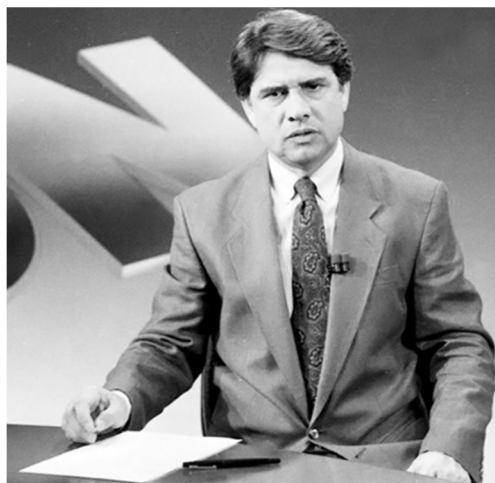
Segundo Gomes (2011, p.19), o telejornalismo é caracterizado como “uma construção social, no sentido de que se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação”, portanto as transformações ocorridas no telejornalismo “caminham” unidas com as transformações sociais e culturais.

Com o passar dos anos, as mudanças da televisão têm sido marcadas por inúmeros fatores, que segundo Becker (2012), foram influenciadas: pela globalização da indústria da mídia; pelo comércio de produtos audiovisuais; por políticas públicas; pela emergência de novos centros de produção, investimentos e novas Tecnologias. Tais alterações no modo de produção do telejornal ampliam as possibilidades, modificam as percepções e redefinem as relações com o método de construção do *Jornal Nacional*, as quais são contaminadas pelo processo de hibridação das linguagens telejornalísticas.

Um dos marcos foi o processo de fortalecimento do jornalismo esportivo na Rede Globo com a criação da Divisão de Esportes por Júlio De Lamare em 1973, com o objetivo de cobrir a Formula 1, Boxe, Tênis, entre outras modalidades. Aos sábados, no início dos anos 80s, o *Jornal Nacional* passou a apresentar um bloco inteiro sobre esportes alternando na bancada Leo Batista e Fernando Vannucci.

Durante toda a história do *Jornal Nacional*, a bancada sempre foi composta por dois apresentadores, que são substituídos periodicamente. No período em que Sergio Chapelin esteve afastado do *Jornal Nacional*, Celso Freitas esteve na bancada ao lado de Cid Moreira, em 1983, (Figura 02); aos sábados quem apresentava o telejornal era Marcos Hummel.

FIGURA 02: Apresentadores do telejornal



Sergio Chapelin na bancada do *Jornal Nacional*, 1979.

Cid Moreira e Celso Freias, bancada do *Jornal Nacional*, 1983.

Fonte: Reprodução da internet - <http://memoriaglobo.globo.com>

Para garantir o “padrão Globo de qualidade” havia preocupação com a formação dos profissionais; os repórteres recebiam cuidados de fonoaudiólogos, além de verba extra para despesas com o figurino. Havia orientações sobre as roupas que deveriam usar; recomendava-se evitar listras, cores contrastantes, roupas estampadas; era proibido usar decotes e blusas com alça. Ainda deveriam evitar joias ou bijuterias grandes e brilhantes. Os apresentadores não poderiam usar paletó nos tons brancos e gelo e também evitar gravatas lisas ou de acetato (MEMORIA GLOBO, 2004).

O profissionalismo é uma “garantia” corporativa para os jornalistas, uma maneira de obter “estabilidade” editorial na produção da cobertura jornalística. Para Liziane Guazina (2011), isso ocorre motivado por critérios de noticiabilidade, tais como objetividade, diversidade, relevância e impacto como valores que orientam o trabalho dos profissionais do jornalismo.

Assim, a informação, a comunicação e a imagem com todas as suas tecnologias vêm se fundindo como um “elemento único” no *Jornal Nacional*. O “padrão de qualidade” implantado pela Rede Globo ressalta o protótipo da convergência entre os antigos e os novos modelos profissionais na busca de conhecimento, habilidade e criatividade.

Essas fronteiras entre o antigo e o novo modelo de telejornalismo criam linguagens

híbridas, pois as novas dinâmicas implantadas e consolidadas, com o passar dos anos, funcionam como mediadoras que fortalecem a credibilidade do telejornal.

Nas décadas de 1970 e 1980, Berto Filho trabalhou na Rede Globo à frente de programas jornalísticos como o *Jornal Nacional*, o *Fantástico* e o *Jornal Hoje*. No *Jornal Nacional* foi apresentador substituto e titular. Em 1989, uma série de mudanças ocorreram, entre as quais a saída de Celso Freitas e o retorno de Sergio Chapelin. Houve, ao mesmo tempo, alteração na estética do telejornal, com a implantação de dois novos cenários, um fixo - mesa de acrílico com ares futuristas, iluminada por luz néon vermelha - e outro móvel - composto de desenhos “digitais” - para ocupar o fundo do cenário dando um tratamento visual particular para cada reportagem (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

E ainda com a adoção de um modelo de telejornal híbrido, para a época; com a inserção de profissionais especializados em economia, política, entre outras áreas, o que possibilitou uma tentativa de transformação na linguagem telejornalística, tornando-se ela atrativa aos telespectadores, pelo empenho dos profissionais na busca da seriedade e da credibilidade. Também nessa época, o *Jornal Nacional* implantou a participação de comentaristas especializados como Paulo Henrique Amorim, Joelmir Beting, Paulo Francis, Lilian Witte Fibe e Alexandre Garcia.

Segundo Machado (2000), a função do apresentador é ser um condutor, que realiza a leitura das notícias, ao passo que o âncora tem poderes de decidir sobre as vozes que entram e saem, e, portanto, de dar voz a outros.

(...) o apresentador, em geral impessoal, cuja função principal é ler as notícias (visivelmente escritas por outros) e abrir passagem para os outros protagonistas. O enunciado televisual, neste caso, se constrói através de um discurso indireto: o apresentador chama o repórter, que por sua vez chama o entrevistado e assim vamos encaixando uma voz dentro da outra, como no recurso lingüístico das citações. Não por acaso, nesse tipo de estrutura, o apresentador nunca usa a primeira pessoa (nunca diz "eu acho..."), mas recorre sempre ao plural quando precisa designar o agente enunciativo ("nós, do telejornal X, achamos que..."). Mas a verdade é que, nesse modelo de telejornal, tanto o apresentador quanto os repórteres evitam, sempre que possível, dizer o que pensam sobre a notícia (mas não é vetado, aos entrevistados e testemunhas oculares, tomar posição diante dos acontecimentos e manifestar emoção ou indignação em relação a eles). A opinião explícita, quando existente nessa modalidade enunciativa, jamais cabe ao apresentador ou aos repórteres, mas aos *comentaristas*. Há, portanto, nesse modelo de telejornal, uma clara distinção entre quem

colhe e apresenta as notícias (os jornalistas) e, de outro lado, quem as interpreta os analistas ou especialistas (MACHADO, 2000, p. 108)

Com isso, o telejornal é marcado por uma “voz institucional”, pois os apresentadores transmitem notícias fragmentadas com o objetivo de despertar curiosidade e gerar laços com os telespectadores. A presença feminina foi marcada inicialmente pela jornalista Valéria Monteiro que apresentou o telejornal aos sábados e blocos de notícias no período da Olimpíada de 1988.

Em 1991, a apresentadora Sandra Annenberg, a primeira figura feminina a aparecer diariamente no telejornal, foi a responsável pela apresentação da previsão do tempo. Esta é abordada no telejornalismo como serviço de interesse público, como comenta Luiz Beltrão (1969): “a expansão dos serviços públicos são objeto de atenção constante do jornalista pela sua representação”. Nessa época, os conteúdos meteorológicos eram produzidos nos estúdios de São Paulo e enviados para o Rio de Janeiro. A Rede Globo havia sido toda informatizada e interligada *on-line*, o que representou ganhos de tempo para o jornalismo.

Em sua apresentação, Sandra não ficava todo o tempo de frente para o telespectador. Ela comenta que chegava a dar as costas para o telespectador, durante a previsão do tempo

Eles achavam que assim eu dividiria a atenção com o mapa. Como o mapa era a grande estrela, eu tinha que levar o público até ele e, para isso, eu dava as costas para o telespectador. Eu falava para os meus chefes: ‘Eu não posso dar as costas para o telespectador. Eu sempre aprendi que você tem que falar de frente para as pessoas’. Mas eles achavam que não, que eu tinha que levar o público até o mapa e mostrar onde estavam as coisas. Então assim, foi (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 232)

O corpo da apresentadora, segundo Gutmann (2014), pode ser caracterizado como lugar de destaque, ao qual se impõe, como construção de credibilidade, a tarefa de demonstrar, no mapa, como estará o clima nas várias regiões do Brasil. O uso de elementos expressivos como o corpo, a transmissão direta, a imagem e o áudio são responsáveis por constituir um espaço de performance e de subjetividade, que contrastam com o discurso da apresentação das notícias “engessadas”.

O poder simbólico sobre o corpo do apresentador busca transmitir cultura, valores e modismos. Esta ressignificação vem ocorrendo ao longo da história, a partir dos processos híbridos de articulação do corpo com o cenário, com as câmeras e mesmo com a maneira de transmissão dos conteúdos jornalísticos. As formas de comunicação transformam-se gerando

associações, interações, convergências e hibridismos de linguagens, compondo novos sentidos aos meios e a linguagem.

O corpo presente em cena quebrou “regras de conduta”, tradicionalmente estabelecidas, recodificando-as; assim a transformação da performance na apresentação da previsão do tempo encaminha a uma outra visão de aproximação com o telejornal.

Em março de 1996, Cid Moreira e Sérgio Chapelin foram substituídos por William Bonner e Lillian White Fibe no comando do *Jornal Nacional*, (Figura 08 - A). O objetivo foi colocar à frente do telejornal jornalistas envolvidos com a produção das matérias; buscou-se com isso dar maior credibilidade às notícias e dinamizar as coberturas. O diretor de jornalismo da época, Evandro Carlos de Andrade⁸, que afirmava “Nós queremos que os apresentadores respondam ao máximo possível sobre os textos que lêem” e o atual diretor geral da Rede Globo Carlos Schroder⁹ complementa argumentando

(...) ter jornalistas como apresentadores dá a possibilidade de improvisar, de intervir no noticiário no momento em que ele está no ar. Permite a realização de entrevistas ao vivo, perguntas a repórteres, os entrevistados. Permite um arredondamento de certas matérias. Esse nunca foi o papel dos locutores, a quem apenas cabia ler o que tinha sido escrito. Por mais competentes que fossem, e eram monstros sagrados da locução, os melhores do país, eles não foram formados para desempenhar o papel de jornalistas. (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.288)

Assim, ao longo da história do *Jornal Nacional*, poucos apresentadores estiveram na bancada; o programa é que gerencia os impactos e as críticas sobre as mudanças, pois o público precisa ter empatia com os apresentadores. Segundo Fachine (2008a) “Este perfil de proximidade” influencia na credibilidade do jornal, que está diretamente ligada à confiança que os espectadores depositam nos apresentadores. É como explicita Letycia Cardoso, Sabrina Chinelo e Iluska Coutinho (2013)

Estes profissionais possuem um papel fundamental nos telejornais, devido a sua interação com o público. A forma de se expressar, a aparência, o estilo do apresentador segue a linha editorial do programa e o torna íntimo dos telespectadores, fortalecendo a credibilidade das notícias (CARDOSO, CHINELATO, COUTINHO 2013, p. 3).

⁸ Evandro Carlos de Andrade: Diretor da Central Globo de Jornalismo, a partir de 1995

⁹ Carlos Henrique Schroder: jornalista, Diretor Geral da Rede Globo

Centro da cena do telejornal são os apresentadores, que exercem uma dupla função; por um lado, preparam o material que será publicado e, por outro, se relacionam com o telespectador. Dessa maneira, a emissora percebe a necessidade de acompanhar as alterações culturais, que ocorrem com o passar do tempo. Além das mudanças de profissionais na bancada, implantam-se também novos quadros, com a participação de comentaristas especializados, como Galvão Bueno, no esporte; Carlos Magno, na meteorologia. Já, os cenários mantiveram as características anteriores, alterando-se, porém, a dinâmica do espaço, com a possibilidade de maior movimentação das câmeras e efeitos de luz. Duarte e Curvello (2008) escrevem

Normalmente, os cenários dos telejornais colocam os apresentadores em um platô, isto é, em um estrado mais alto, sentado em uma bancada, tendo como fundo especial de mapas de globo terrestre, ou telas e telões. Essa posição de superioridade já assinala de antemão quem, nesse contexto, detém a informação e, conseqüentemente, o poder. O fundo do cenário aponta para o domínio que a emissora e o programa detêm sobre a informação de acontecimentos em nível planetário. Mais ainda, completando esse cenário, muitas vezes, ao redor desse platô central, mas em plano mais abaixo, há uma série de mesas de trabalho com pessoas, todas em movimento, operando computadores, algumas até mesmo caminhando apressadamente de um lado para o outro. Essa complementação do cenário com a redação em plano mais baixo garante os efeitos de atualidade do noticiário. É como se a notícia estivesse chegando quentinha, pronta para entrar no ar, mesmo quando na verdade se tratam das “requentadas” (DUARTE E CURVELLO, 2008, p. 70)

As transformações nos ambientes, nos enquadramentos de câmeras, nas formas de atuação e na linguagem têm sido marca desse processo de mudança. Na sequência, em 1997, o *Jornal Nacional* passa por mais uma transformação, com a inserção do sistema closed caption¹⁰, entre outras. O cenário continuou com suas linhas sinuosas, porém com características mais dinâmicas e com maiores possibilidades para a câmera passear no estúdio e explorar diferentes efeitos de luz, mas mantendo a cor azul, marca registrada. Todavia, as principais novidades foram as logomarcas do *Jornal Nacional*, que passara a ser suspensas e sustentadas por fios quase transparentes, dando a ideia de flutuação.

Em 1998, a jornalista Lillian White Fibe deixou a bancada sendo substituída por Sandra

¹⁰ A legenda fechada (Closed caption) é escrita em letras brancas, em caixa alta ou baixa, sobre tarja preta. O acesso ficará a critério do telespectador através de um decodificador de legenda (tecla Closed caption) localizado (quando disponível) no controle remoto do aparelho de televisão. Essas legendas são convertidas em códigos eletrônicos e inseridas na linha 21 do intervalo vertical em branco do sinal da TV. (ARAUJO, 2002)

Annenberg; no entanto, ainda no mesmo ano Fátima Bernardes passou a apresentar o *Jornal Nacional* ao lado de William Bonner, (Figura 08 - B), dando origem ao chamado “casal 20”¹¹ do telejornal brasileiro. Em 1999, Bonner passa a ser editor-chefe do *Jornal Nacional*.

A Rede Globo de Televisão, percebendo a maior força e empatia da imagem do casal em relação à figura dos dois isoladamente, decide uni-los na bancada do principal telejornal da emissora. Começa aí o processo de sofisticação de uma imagem mítica de perfeição que insere o casal no universo mundano das atuais celebridades, ao mesmo tempo em que resguarda a credibilidade, característica vital para o Jornalismo. Com isso, Fátima Bernardes e William Bonner, apresentadores do *Jornal Nacional*, passam a ser percebidos e analisados como notícia, ocupando o mesmo universo simbólico com o qual trabalham e expressam. Deixam de ser o “veículo” pelo qual as informações são transmitidas para se tornarem o próprio “acontecimento” jornalístico, já que são retratados assim pela mídia. (HAGEN, 2009, p. 8)

O jornalista do *Jornal Nacional* tem uma marca dentro do programa; sua imagem passa a identificá-lo com o telespectador e a corroborar a credibilidade do telejornal que está ligada à confiança e a simpatia com os profissionais que ali atuam.

Em 2000 o *Jornal Nacional* se reformula novamente e o estúdio passa a ser constituído por um mezanino mostrando no fundo do cenário a redação; a bancada é transformada como área de trabalho com computadores. Durante o telejornal, quando a câmera estava na altura dos olhos dos apresentadores, a redação não poderia ser vista. Com a mudança, quando a câmera sobe é revelada, ao fundo, a redação com monitores de TV, computadores e os profissionais envolvidos na realização do telejornal. Todas as mudanças foram acompanhadas pelas emergências tecnológicas, passando: as ilustrações a ser projetadas por refletores; os selos a ser sobrepostos, misturando-se ao fundo real da redação; e as imagens a ser formadas à medida que os apresentadores falavam sobre o assunto correspondente (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

Nesse período, com a popularização da *internet* e do acesso às redes sociais, foram facilitadas e dinamizadas as formas de consumir e produzir informação, o que fortaleceu processos híbridos de produção e transmissão de conteúdos no telejornalismo brasileiro. A presença da equipe de produção, assim como as mudanças no cenário, tem a função de endossar o trabalho.

¹¹ Casal 20: William Bonner e Fatima Bernardes foram casados por 26 anos. A união ocorreu em 1990. O casal engravidou de trigêmeos e em 2016 houve a separação.

Para Hegan (2009), a busca pelos “padrões jornalísticos” como imparcialidade e credibilidade foram modificados com a presença do casal à frente da bancada do *Jornal Nacional*, sua vida passou a ser exposta como pais exemplares e profissionais bem-sucedidos. Com isso o telejornal passou a assumir uma postura “humanizada” diante da frieza do cenário e da tecnologia, ao tentar quebrar o distanciamento e cativar ao mesmo tempo que confere ao apresentador uma posição que o telespectador comum considera quase inatingível. Fatima Bernardes, ao acompanhar a seleção brasileira de futebol em 2002, fez inserções ao vivo do Japão e da Coreia, apresentando os principais momentos; atingindo, ao final da cobertura, o status “musa da Copa”.

Tais mudanças constituem uma estratégia que possibilita determinar um efeito de continuidade espacial no telejornal. A participação de Fátima em lugares diferentes permitiu a Bonner usar o bordão “Onde está você, Fátima Bernardes?”, e na sequência da Copa, Fátima e William, entrevistam¹² o jogador Ronaldo Nazário na bancada do telejornal no intuito de produzir aproximação com o público.

Em 2011, ela deixa o jornal para produzir e apresentar um programa de entretenimento. Com isso, a Rede Globo preparou a chegada de Patrícia Poeta para firmar laços com a população, uma vez que “as transações de discursos e de interações entre atores e instituições, redesenham os vínculos sociais que passam a se reger por novas formas de contato” (FAUSTO NETO, 2008, p.96). Em dezembro de 2011, Poeta estreia na bancada.

Com a saída de Patrícia Poeta, em 2014; a jornalista Renata Vasconcellos deixa a apresentação do Fantástico e passa a fazer parte da equipe do *Jornal Nacional* como editora executiva e apresentadora titular.

Em abril de 2015, o *Jornal Nacional* comemora os 50s anos da Rede Globo¹³, com uma retrospectiva em homenagem aos profissionais que fazem e fizeram o telejornalismo da empresa. No o dia 24 de abril de 2015, sexta-feira, foi marcado pelo encerramento da retrospectiva. Como participação especial, na bancada dos primeiros apresentadores do *Jornal Nacional*, estiveram Cid Moreira e Sérgio Chapelin, que apresentaram o último bloco do

¹² Entrevista gravada antes do telejornal ir ao ar

¹³ Fundação da rede Globo foi em 26 de abril de 1965.

telejornal e relembrou o período em que comandaram o programa.

O telejornalismo do *Jornal Nacional* vem buscando, a cada dia, aproximar-se do seu público com diferentes mecanismos, adotando estratégias distintas, como a apresentação da série em comemoração dos 50 anos da Rede Globo e as mudanças de linguagem na apresentação do programa, e buscando criar novos vínculos com o telespectador. Segundo Fabiane Sgorla e Maria Ivete Fossá (2008), essa é uma atitude de autoreferência¹⁴, apresentada pelo telejornal, para falar de si e explicar as maneiras de agir, recorrendo a estratégias de linguagens apropriadas.

No telejornalismo, o *Jornal Nacional* explicita as operações e condições de produção, como foi a comemoração dos 50 anos e de inúmeras reportagens e entrevista entre repórteres que estavam em uma região atingida por um terremoto, no primeiro dia do novo formato do telejornal, em 27 de abril de 2015.

O uso da autorreferência caracteriza a

(...) fala cada vez mais para o âmbito público de suas próprias operações, enquanto regras privadas de realidade de construção do que, necessariamente, da construção da realidade. Ou seja, produz a ‘enunciação da enunciação (FAUSTO NETO, 2008, p. 1).

A autorreferência, segundo Caroline Cechin e Carla Torres (2010), vem tornando-se mais presente no telejornalismo, que busca aproximar o telespectador do produto midiático. Com esse objetivo, o *Jornal Nacional* vem modelando seu formato nas reportagens, séries, entrevistas e até na apresentação do telejornal. O uso das tecnologias presentes no programa é imprescindível para as operações autorreferenciais do jornalismo atual.

Ao final das comemorações, ocorre uma nova reformulação do telejornal. Na segunda-feira dia 27 de abril de 2015, os apresentadores, Renata Vasconcelos e William Bonner, passam a levantar-se da bancada, dando, além das alterações no cenário com a utilização de diversos recursos tecnológicos, informalidade às conversas com o telespectador e os repórteres e aos movimentos de câmeras com diferentes enquadramentos.

¹⁴ Autorreferência: “O termo autorreferência designa um movimento autônomo de referência a si mesmo. Compreendemos que a publicidade torna-se autorreferencial quando o produto anunciado é o próprio suporte midiático do anúncio: a publicidade do jornal veiculada no jornal.” (DEPEXE; AMARAL, 2010)

Como anota Vargas (2015)

A alteração na conduta dos apresentadores destacando as modificações na performance, a bancada ainda é o elemento central, mas o deslocamento com a redação ao fundo, o telão de alta definição em que o repórter aparece em tamanho real diante dos apresentadores e a interação muitas vezes informal com os repórteres permitem que os mesmos utilizem este espaço para comentar as notícias e a situação em que ela é feita. Desta forma, os apresentadores protagonizam uma cena de intimidade com o público e o deixam a par do que está ocorrendo. Essas novas estratégias de comunicação no telejornal mais conservador buscam estabelecer uma familiaridade e fidelidade com o público jovem, uma renovação da audiência. O que se deseja é um ponto de equilíbrio entre a inovação e a forma velha de contar histórias na televisão (VARGAS, 2015, p. 2)

A partir dessas mudanças, os apresentadores passaram a desempenho do corpo e a incorporar marcas, o que leva Machado (2000) a afirmar: “a notícia é apresentada ao mundo personalizada e com esta nova maneira de apresentá-las o corpo faz do discurso relacionando-se, sucedendo-se e/ou contrapondo-se, o que compõe a narrativa do telejornal”. Gutmann (2014) complementa dizendo que essas formas de desempenho da notícia configuram-se como estratégias de comunicação e aponta a importância de pensar esse formato televisivo não apenas a partir do conteúdo, mas também de interações com o espectador e a cultura.

O novo perfil do telejornal *Jornal Nacional* tem, como influenciadores, os novos hábitos e costumes dos telespectadores graças à integração globalizada de atitudes, produtos e conhecimentos. Para Carlos Tourinho (2009, p.21), “o telejornal se reorganiza e revê métodos diariamente. Ganha uma série de ferramentas que vai garantindo mais agilidade, contato com múltiplas fontes e possibilidades de ser visto por mais espectadores”.

Essas mudanças remetem à ampliação da aceitação do telespectador. No entanto, elas buscam manter a seriedade, a confiabilidade e a credibilidade, como comentam Heródoto Barbeiro e Paulo Lima (2002), os quais dizem que os gestos e roupas dos apresentadores são confundidos com a movimentação das câmeras. “Esses padrões estão sendo gradativamente rompidos pela descontração do estúdio/redação, para que o telespectador acompanhe um cenário mais amplo com outros jornalistas em cena e possa receber e decifrar novas mensagens” (BARBEIRO, LIMA, 2002, p. 78).

Dessa maneira, as comunicações buscaram estreitar os laços com o telespectador e com isso o telejornal funciona como um instrumento de mediação simbólica na produção,

distribuição e recepção de conteúdos jornalísticos. O *Jornal Nacional* vem revelando pontos de extremidade os quais desconstruíram suas linguagens, contaminaram seus cenários com a movimentação dos apresentadores e compartilharam novos formatos de apresentação.

4. Considerações finais

Os processos de hibridização entre tecnologia e visualidade possibilitam “novas” alternativas de fazer, argumentar, criar e comunicar, ao produzirem outras linguagens, formas de expressão, textualidade e escrita. Conseqüentemente, é possível observar que a mistura da tecnologia com a forma de apresentar o *Jornal Nacional* estrutura cenas de intimidade, estratégias híbridas de comunicação que buscam estabelecer familiaridade e fidelidade com o público.

Com a inclusão da “tecnologia”, no telejornal, transformaram e viabilizaram as modificações entre mídias e linguagens, possibilitando que as informações, ao serem digitalizadas, se transformem em códigos passíveis de ser interpretados, decodificados e recodificados para serem lidos em qualquer tipo de equipamento e mídia.

Com isso as transformações do telejornal levaram a modificar a apresentação do conteúdo jornalístico e a maneira de transmiti-lo; alterando a linguagem do telejornal e a presença dos apresentadores. Nessa nova realidade, os profissionais passaram a ressignificar as linguagens, como uma estratégia híbrida de construir sentido para o *Jornal Nacional* que tem como marca o formato de apresentação.

Em cada ponto de mudança, surge uma linguagem mais complexa, na tentativa de acompanhar as necessidades comerciais e de audiência e de manter a credibilidade e fidedignidade do telejornal, que com todas as mudanças ocorridas em sua história estrutural, de linguagem e formato, mantém as características do início do programa

As influências tecnológicas e as linguagens, na construção das narrativas telejornalísticas, levaram à alteração dos formatos e da maneira de elaborar o processo de produção. Os novos modos de exploração da linguagem telejornalística, pelo *Jornal Nacional*, conduzem a uma transformação das fronteiras, nas quais os processos de hibridização, que atuam como propulsores de linguagens, buscam fidelidade e credibilidade a partir da voz e da

presença dos apresentadores.

Uma das alterações marcadas com as mudanças foram os processos híbridos das linguagens na transmissão do conteúdo jornalístico pela tentativa de transformar o comportamento da voz e da presença dos jornalistas na apresentação do jornal e de estimular as relações de confiabilidade e o vínculo com o telespectador.

“A credibilidade do telejornal é influenciada diretamente pela confiança que os espectadores depositam nos seus apresentadores” (FECHINE, 2008b, p.1). Esses profissionais fazem com que as informações divulgadas, sua aparência e suas características pessoais, juntamente com as tecnologias emergentes, exerçam um papel sedutor para conquistar a audiência. A tentativa de modificação desse estereótipo busca resgatar e consolidar o prestígio junto aos receptores.

Como essa estrutura depende da capacidade de criar laços entre apresentadores e público no intuito de trazer para o telejornal estratégias híbridas, a produção de uma linguagem capaz de transmitir seu discurso, ao mesmo tempo que cativa a audiência dos telespectadores, tem sido marca do novo formato do *Jornal Nacional*, a qual buscou transformar a linguagem.

5. Referências

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo**: os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BECKER, Beatriz. Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado: um estudo do RJTV 1ª edição e do Parceiro do RJ. **Revista Galáxia**, n. 24, p. 77-88, dez. 2012. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/10161/9428>>. Acesso em: 15 jan 2016.

BELTRÃO, Luiz. **A Imprensa Informativa**, São Paulo, Importada Americana, 1969.

BORELLI; Silvia; PRIOLLI, Gabriel. **A Deusa Ferida**: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência. São Paulo: Summus, 2000.

CARDOSO, Letycia Moreira; CHINELATO, Sabrina Henriques; COUTINHO, Iluska Maria da Silva. As mudanças na bancada do *Jornal Nacional*. In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora, 2013.

CASOY, Boris. O Zé Bonitinho. **Revista Imprensa**. ano 5, mar, 1991.

CECHIN, Caroline; TORRES, Carla. O telejornal fala de si mesmo: a autorreferencialidade na campanha dos 40 anos do *Jornal Nacional*. **Disciplinarum Scientia**. Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 47-60, 2010.

DEPEXE, Sandra Dalcul.; AMARAL, Márcia Franz. Publicidade autorreferencial do Diário Gaúcho: encenações do produto midiático e do leitor. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 211-224, jan/jun. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/download/12980/8748>>. Acesso em: 12 de abr de 2017.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CURVELLO, Vanessa. **TELEJORNAIS: quem dá o tom?**. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org). *Televisão e realidade*. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em < <http://books.scielo.org/id/b3jpx/pdf/gomes-9788523208806-05.pdf>>. Acesso em 27 abr 2016.

FAUSTO NETO, Antônio. Mídia-tização, prática social - prática de sentido. In: Rede Prosul – Comunicação, Sociedade e Sentido, Unisinos, 2006, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo, 2006.

FECHINE, Yvana. Performance dos apresentadores do telejornal: a construção do ethos. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 36, 2008.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros Televisivos e modos de endereçamento no Telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. **Estabilidade em fluxo**: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. In: GOMES, Itania Maria Mota (org). *Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador: EDUFBA, 2012.

GUAZINA, Liziane Soares. **Jornalismo em busca da credibilidade**: A cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão. 2011. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

GUTMANN, Juliana Freire. Entre tecnicidades e ritualidades: formas contemporâneas de performatização da notícia na televisão. **Revista Galáxia**, n. 28, dez, p. 108 - 120. 2014. Disponível em < <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/16654/15744>>. Acesso em 22 mai 2017.

HAGEN, Sean. **A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal**: um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do *Jornal Nacional*. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

LOREDO, João. **Era uma vez... a televisão**, São Paulo, Alegro, 2000.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada à sério**. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

MACHADO FILHO, Francisco. TV Digital: uma nova mídia e um novo modo de recepção em uma sociedade em rede. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais..** Brasília: UnB, 2006. Disponível em: <

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/131490753334826496159012814983563917590.pdf>

f > Acesso em: 20 mar 2018.

MELLO, Christine. **Extremidades**: experimentos críticos – redes audiovisuais, cinema, performance, arte contemporânea. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

MELLO, Edna. **PRF – 3 TV Tupi – Difusora e imagem do dia: o pioneirismo da televisão e do telejornalismo no Brasil**. In: VIZEU, Alfredo. MELLO, Edna. PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs). *Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo*. Coleção *Jornalismo Audiovisual*. V.4. Florianópolis: Insular, 2015.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: A notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV – Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro. Ed. Campus, 2006.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SOUZA, Florentina das Neves de. **O Jornal Nacional e as eleições presidenciais de 2002 e 2006, 2007**. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SGORLA, Fabiane, FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. *Estratégias e operações de auto-referencialidade no Telejornalismo*. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Paulo: Universidade Metodista, 2008.

TOURINHO, Carlos Alberto Moreira. **Inovação no Telejornalismo**: o que você vai ver a seguir. Vitória, Espaço Livros, 2009.

VARGAS, Heidy. A bancada do *Jornal Nacional* já não é mais a mesma: reflexões acerca da mise-en-scène na apresentação. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Rio de Janeiro: URFJ, 2015. Disponível em: < <http://intercom.org.br> > Acesso em: 08 set 2016.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.